

Soro contaminado mata mais que Aids

Fotos de Antônio Moura



Preocupado, Filomeno diz que recorrerá a Sepúlveda

O QUE É

Soro fisiológico é uma substância neutra, composta de água e cloreto de sódio (sal), que não provoca qualquer dano às células do organismo, e serve para repor o volume de líquido que deve ter dentro das veias. É utilizado para hidratar o organismo, quando a pessoa tem desidratação, sem alterar as características do sangue, ou elevar a pressão arterial em casos de hemorragia.

ção parenteral contaminada no organismo são praticamente imprevisíveis, podendo variar de um choque pirogênico controlável (que provoca reações como febre alta, tremores e sudorese) até uma devastadora septicemia (infecção generalizada), fatal na maioria dos casos.

Conforme consta dos laudos elaborados pelo Instituto Adolfo Lutz de São Paulo e anexados ao processo do Ministério Público, a contaminação dos soros se dá, em geral, por fungos, bactérias e leveduras. Qualquer um desses microorganismos na corrente sanguínea, explica Michel Kfourri Filho, representa um atestado de óbito para os pacientes internados em unidades de terapia intensiva, que já estão com o sistema imunológico debilitado.

Há cerca de oito anos, depois de constatar uma série de problemas decorrentes das soluções parenterais, o Hospital Albert Einstein — que registra o menor índice de infecção hospitalar do País — resolveu a questão deixando de consumir os soros disponíveis no mercado. Segundo Michel Kfourri Filho, com esse procedimento foi possível reduzir de 1% a praticamente zero a incidência de choques pirogênicos e complicações advindas da contaminação bacteriológica.

— O hospital gasta com os pacientes cerca de oito mil unidades de solução parenteral por mês. Um por cento de problemas pode parecer um número desprezível matematicamente, mas significa, na realidade, colocar em risco a vida de 80 pacientes, o que é uma monstruosidade — afirmou.

Atualmente, os soros utilizados no Hospital Albert Einstein são encomendados a um laboratório especial, que atende aos padrões de qualidade do hospital e cuja produção é supervisionada pelos técnicos da instituição. Além disso, são acondicionados em embalagens de vidro, que não oferecem os riscos do plástico.

SÃO PAULO — “Da forma como as coisas estão sendo conduzidas, estamos brincando de loteria esportiva com a saúde da população. O problema do soro é tão ou mais sério que o da Aids, porque tem feito um número ainda maior de vítimas”, afirma o Diretor Técnico da Federação Nacional dos Estabelecimentos de Serviços de Saúde, Julian Czapski. Segundo seus cálculos, cerca de 150 milhões de unidades de soluções parenterais são consumidas anualmente no Brasil. Se um por cento desse total apresentar alguma contaminação, 1,5 milhão de pessoas estarão infectadas e correrão risco de vida.

Julian Czapski foi a primeira pessoa a denunciar, há mais de um ano, o problema da contaminação das soluções parenterais ao Governo e à imprensa. Representante de uma entidade que congrega 40 mil estabelecimentos de saúde em todo o País (dos quais 4500 são hospitais) Czapski, depois de abordar o problema com o próprio Ministro da Saúde, enviou, há cerca de 10 dias, uma carta ao Presidente José Sarney pedindo providências.

Esse problema é antigo. No dia 10 de setembro, o processo número 48/86, instaurado pelo Ministério Público de São Paulo para apurar denúncias de contaminação nas soluções parenterais (soros fisiológico e glicosado e líquido para diálise) completou um ano, sem qualquer providência do Governo para impedir que isso continue ocorrendo. O processo — um calhamaço de 200 páginas contendo laudos técnicos, relatórios de hospitais confirmando a gravidade da situação e sugestões de conduta ao Ministério da Saúde — inspirou a abertura de outro processo, desta vez pelo Ministério Público do Rio de Janeiro, mas também não sensibilizou as autoridades de saúde.

Com base no material coletado, o Ministério Público pediu ao Governo duas pro-

vidências prioritárias: inspeção nas 21 empresas brasileiras fabricantes de soluções parenterais e a criação de uma comissão técnica de alto nível, com membros do Ministério da Saúde, para examinar a questão e elaborar normas técnicas para orientar a produção, processo de embalagem, transporte e armazenamento do produto.

A resposta do Ministério da Saúde, assinada pela Chefe do Setor de Fiscalização da Divisão de Medicamentos (Dimed), Leila Ramos Venâncio, foi interpretada como “desinteressada” pelo Coordenador das Curadorias de Proteção ao Consumidor do Estado de São Paulo e responsável pelo processo, José Geraldo Brito Filomeno.

Preocupado com a falta de providências e inconformado com a lentidão das autoridades, o Procurador José Geraldo Brito Filomeno pretende agora apelar para a últi-

ma instância do Ministério Público e encaminhar o caso ao Procurador Geral da República em Brasília, José Paulo Sepúlveda Pertence, para que interceda junto ao Governo.

Respaldo por pareceres médicos, Filomeno diz que a questão da contaminação envolve vários problemas sérios, e da forma como estão sendo fabricados, os produtos não são confiáveis e podem provocar a morte. Além disso, nem sempre a contaminação é visível a olho nu. Quando está no início, explicou, somente um minucioso exame microscópico pode revelar a presença de fungos ou bactérias.

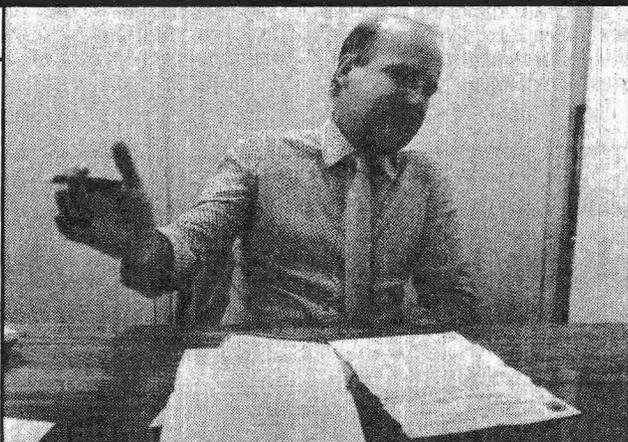
Segundo o Gerente de Materiais do Hospital Albert Einstein, Michel Kfourri Filho — responsável pelo controle de qualidade dos produtos e equipamentos utilizados pela instituição — os efeitos de uma solu-

A MORTE NA MEDICAÇÃO

Pai faz de sua tragédia uma bandeira de luta

SÃO PAULO — Há dois anos e meio, o menino Rodrigo Oliveira Zucolin, de 4 anos, que já estava para receber alta do hospital onde se recuperava de uma meningite, morreu depois que lhe foi aplicado soro fisiológico contaminado. Ainda abalado pela morte do filho, o contador Milton Paulino Zucolin, 36 anos, decidiu transformar sua tragédia pessoal em bandeira de luta e hoje se diz disposto a deflagrar uma campanha para alertar as autoridades de saúde e impedir que outras famílias vivam o mesmo drama.

No dia 7 de março de 1985, Rodrigo foi internado no Hospital São José do Brás, em São Paulo, com suspeita de meningite, depois confirmada através de exames laboratoriais. Segundo o relatório assinado pelo médico Ascedeo Rodrigues Neto, o estado de saúde do



Zucolin quer impedir que outros pais vivam o seu drama

menino estava evoluindo bem, ele já não necessitava mais de soro e deveria receber alta no dia 12.

— Na véspera da alta prometida, os médicos resolveram aplicar-lhe soro para poder administrar a medicação. Uma hora depois, Ro-



Rodrigo tinha 4 anos

drigo teve uma reação pirogênica, apresentando febre de 41 graus, náuseas e sonolência — disse Milton.

Conforme consta do relatório médico, levantou-se a hipótese de choque séptico, provocado por contaminação, e o menino foi

transferido às pressas para a UTI. Os exames, que antes da reação estavam normais, passaram a acusar infecção bacteriana.

— O estado do Rodrigo começou a piorar de maneira incontrolável. Ele foi submetido a duas transfusões totais de sangue, mas a infecção já havia comprometido alguns órgãos e, sem saber mais como socorrê-lo, os médicos decidiram encaminhá-lo para o Hospital das Clínicas — lembra Milton.

Na UTI do Hospital das Clínicas, Rodrigo evoluiu para uma insuficiência renal aguda e broncopneumonia e, no dia 22, teve uma parada cardíaca, que não pode ser contornada pelos métodos tradicionais de reanimação.

— Nunca ouvira falar desse problema de contaminação do soro. Foi um impacto terrível. Até hoje minha mulher e eu ainda não conseguimos nos recuperar completamente. É preciso que alguém faça algo para impedir que outras pessoas passem pelo mesmo sofrimento — disse Milton.